

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE NOVEMBRO DE 1999

*Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senhores Ministros aqui presentes; Senhores e Senhoras agraciados; meus Senhores e minhas Senhoras,*

O ministro Francisco Weffort disse que é a quinta vez que nós temos a satisfação de poder passar às mãos dos agraciados esta homenagem, que é uma homenagem mais do que justa. Parece-me que faz muito sentido que nós tenhamos restabelecido a tradição de distinguir aqueles que se dedicaram à cultura no Brasil.

E hoje, nesta ocasião, estamos aqui sob o patrocínio de Rui Barbosa e Joaquim Nabuco. O Ministro Weffort, como sempre muito preciso, de visão larga sobre os problemas culturais brasileiros, explicou de maneira absolutamente convincente o significado, não apenas da homenagem hoje prestada aos Senhores e às Senhoras, mas o fato de estarmos também reverenciando as figuras de Rui Barbosa e de Joaquim Nabuco.

Recentemente, escrevi um prefácio para ser publicado no Chile, de um livro de Nabuco sobre Balmaceda, o que mostra bem a curiosidade do espírito desse homem que foi Joaquim Nabuco. Balmaceda foi Presidente do Chile e, depois de um processo político tumultuado, suicidou-

se. E Nabuco trata de mostrar o significado de Balmaceda e o significado do Chile, do processo civilizador da democracia chilena e a tragédia que tinha ocorrido no Chile.

É de admirar que alguém como Nabuco, aqui, do Brasil, estivesse se preocupando e acompanhando, com o grau de minúcia que ele conhecia, o processo político chileno. E já com essa preocupação de civilização.

De fato, o Ministro Weffort não podia ser mais feliz ao dizer que, de alguma maneira aqui, no Brasil, os homens de cultura têm que ser, simultaneamente, conquistadores e civilizadores. Eu não sei o quanto Nabuco ou o quanto Rui poderiam ser qualificados como conquistadores. Rui tentou conquistar votos. Não conseguiu. Mas conquistou o coração da gente brasileira, porque conquistou o Brasil nas campanhas civilistas por alguma coisa que se enraizou no Brasil, que é o sentimento de que um país só é possível ser civilizado quando, efetivamente, é um país que repousa suas instituições na sociedade civil e que afasta a tirania do seu horizonte.

Nabuco fez mais que isso. Se Rui cingiu-se, talvez, aos aspectos mais formais do jogo democrático, Nabuco foi às raízes da sociedade brasileira e combateu o maior mal da época, a nódoa, que era a escravidão. Acredito que poucos brasileiros terão marcado tanto sua época e posteridade como Nabuco. Toda a gente sabe que eu, quando posso, me refiro a Nabuco, quando posso releio Nabuco, porque acredito que foi um dos brasileiros que tiveram a maior capacidade de sentir o que era necessário, para dizer, de forma civilizada, e conquistar, de novo, o coração e as mentes dos brasileiros para as boas causas.

Recordo-me e o Professor Weffort há de se recordar, porque pertencemos à mesma academia, na Universidade de São Paulo, de uma famosa tese sobre vários brasileiros ilustres, entre os quais Nabuco, em que a autora da tese de quem o professor Weffort foi assistente, Paula Beigeman, tomava Nabuco como um paradigma de um pensamento que ela chamava de socialista. Claro que Nabuco não foi socialista. Nabuco foi favorável à Monarquia, na verdade. Relutou em aceitar uma missão do governo republicano, porque ele era de convicções monárquicas. Mas, na forma de pensar o Brasil, ele pensou a radicalidade da situação social

brasileira. E, nesse sentido, é que foi feita a aproximação com o ideal socialista. Ele pensou, radicalmente, o que sustentava, na verdade, o Império, e o que sustentava a sociedade brasileira, que era a escravidão. E rebelou-se contra esse sustentáculo.

Portanto, realmente, os senhores estão aqui sendo homenageados num momento em que estamos inspirados, nós, brasileiros, por duas figuras realmente marcantes na formação cultural brasileira.

Mas o que é fundamental é que o Brasil, como expressão cultural, continua com essa necessidade de se conquistar e de se civilizar e se diversificou imensamente. E é, para o Presidente da República, uma satisfação enorme a de transmitir e colocar as condecorações sobre o peito dos Senhores e das Senhoras, que têm experiências tão diversificadas. Acho que isso se deve ao Ministério da Cultura, àqueles que fazem a seleção que, naturalmente, passa pelo meu apoio total. Mas a diversidade das formas de expressão cultural que aqui, hoje, estamos homenageando mostra a riqueza do Brasil.

Aqui estamos homenageando empresários. Pode parecer: mas por que empresários, se é uma festa de cultura? Porque no mundo moderno quem se dedique, primeiro, às vezes, como empresário da cultura, mas, sobretudo, como alguém que, sendo empresário se abre à cultura, ajuda, portanto, o florescimento da cultura, é parte desse mundo cultural.

Estamos homenageando políticos. Aliás, não me referi à presença do, além do Governador Mário Covas, que já foi aqui citado, Governador de Goiás, o meu amigo Marcondes Perillo, e do Vice-Governador de Brasília, aqui presente também. Homenageamos políticos, como o Governador Mário Covas. Não está presente o Governador Almir Gabriel, mas os dois se distinguem porque deram uma atenção toda especial à cultura.

E se tive alguma emoção mais forte, nestes últimos tempos, foi quando estive em São Paulo agora, recentemente, na antiga Estação Júlio Prestes, para assistir à orquestra sinfônica de São Paulo tocando admiravelmente bem uma peça extremamente difícil, numa sala cultural nova, que foi a antiga estação de trens de Júlio Prestes, da antiga Sorocabana, transformada numa das mais extraordinárias salas de concertos que se pode ter no Brasil ou fora dele. No Brasil ou fora dele.

Tocou Mahler, que é um autor difícil, e foi extremamente não só bem tocado, como o ambiente era um ambiente extraordinário.

Uma vez estava em Moscou, com o Embaixador Rêgo Barros, que hoje é nosso Embaixador em Buenos Aires, eu era Presidente eleito, fui com a Ruth a Moscou onde assisti a um concerto. E, olhando em volta, eu disse: “Mas meu Deus do céu, será possível que o Brasil não vai nunca chegar a ter, não apenas a sala, que era uma sala bonita, mas o nível da música que está se tocando aqui?” Quando entrei na Estação e começou a música, pensei que estava em Moscou. E quem disse isso hoje pode dizer com tranqüilidade: São Paulo não é Moscou nem do passado, nem tem alguns problemas que Moscou tem hoje no presente. Mas, sim, se uniu a Moscou na realização cultural, no fato de ser capaz de fazer essa música.

E lá no Pará, os que tiverem a sorte de visitar Belém, se forem ver o que está acontecendo na Igreja de Santo Alexandre, e me entusiasmo, também, com a Igreja de Santo Alexandre, porque durante uma dessas visitas de campanha, creio, eleitoral, vi, ainda não estava acabada a reconstrução da igreja, e o carinho com que a pessoa que lá estava trabalhando reconstruía aquilo, a beleza com que estava repondo o que foi aquela arquitetura, aquela escultura, era coisa admirável. O Governador Almir Gabriel, com o nosso apoio, conseguiu terminar, e não só isso, está fazendo em toda orla, ali no Mercado do Ver-o-Peso uma modificação muito importante. Isso é parte da cultura, quer dizer, são governadores que têm sensibilidade para a cultura.

Há pessoas que estão aqui presentes, das mais variadas, como quem veio aqui pilchado, lá do nosso Rio Grande do Sul, que mostra como é importante a identidade. Há outras pessoas, não vou dizer para não ferir a modéstia, como uma servidora pública. É uma pessoa extraordinária, e hoje é uma comendadora e aqui está. Porque fez com entusiasmo o seu trabalho como tal.

Outros, que são pessoas que têm uma capacidade de criação inata, como o J. Borges. Eu dizia a ele, baixinho, que tinha alguns dos trabalhos dele e nunca imaginei que fosse conhecê-lo. E que lá, na sua simplicidade, lá de Pernambuco, ele é capaz de traduzir de uma maneira extraordinária o sentimento daquela região, e se universaliza, e hoje é comendador.

Temos pessoas aqui que se dedicaram ao balé, à dança. Outros, à questão dos livros, ou para vendê-los ou para criar editoras ou para produzi-los, como o meu amigo Hélio Jaguaribe, que há tanto tempo produz com tanta originalidade. Quando se lê um artigo do Hélio, e eu nunca me esqueço de um artigo que li, há muitíssimos anos, sobre um governo – não era o meu, sobre um governo ao qual ele fazia umas críticas, mas explicava o governo. Bem, digo, meu Deus, será que algum dia vou ser capaz de ter essa percepção analítica? Nunca tive. Apenas consegui ser Presidente e espero que ele seja mais generoso ao julgar-me do que foi ao julgar, na época, o governo que ele criticava. Mas é realmente uma inteligência andando. Onde Hélio toca se vê o brilho de um talento e a generosidade, que é alguma coisa que caracteriza quem é realmente intelectual. Não é a vaidade, é a generosidade. É ter essa capacidade de ser superior aos outros, mas não parecer. Esse é o Hélio.

Mas nós temos, também, pessoas aqui que dedicaram sua vida às artes. E que, numa dada altura, resolveram que isso tinha que ser patrimônio mais amplo. E doaram aquilo que levaram a vida inteira fabricando. Talvez até para gosto pessoal. E de repente percebem que não é justo que não se dê acesso à maioria. E doaram.

Há outras pessoas, e muitas aqui, que se dedicaram extremamente à questão diretamente da cultura, como funcionários ou como pessoas de outros países que aqui estão, rememorando as nossas relações com Portugal. Enfim, é esta diversidade extraordinária do Brasil.

E termino – porque já falei, talvez, demais – por dizer aquilo a que o Ministro Weffort se referia no final do discurso dele, ao fato de que nós temos nossas preocupações com a globalização. E fez referência a duas cidades: Diamantina, cujo prefeito, de simpatia irradiante, mostrou aqui, ao ser aplaudido vivamente, que parecia que estávamos até num comício, de tanta afeição que ele desperta, pela sua só presença. Eu dizia a ele que infelizmente eu só fui uma vez a Diamantina. Ele disse que vai me convidar, vamos ver se vai, para que eu possa ir outra vez a Diamantina. Diamantina é uma coisa, realmente, extraordinária, aí sim, no sentido de conquista, de conquista do ouro, dos diamantes.

E o Ministro se referiu a Vila Boa de Goiás. Washington Novaes, que também, pelo outro lado da cultura moderna, se dedica à ecologia tem percepção e sensibilidade com a questão do meio ambiente. Eu dizia a ele, baixinho, que disseram que ele é paulista. Ele é goiano, devia ser goiano.

Toda vez que se fala de Goiás e Vila Boa de Goiás, reivindico para mim, também, a qualidade de goiano. Eu não sou. Eu nasci no Rio, sou paulista, mas reivindico ser goiano, e tenho algumas razões para isso. É que o meu bisavô foi Governador de Goiás, no século passado, na época do Império, de Vila Boa de Goiás. E esse meu bisavô teve um título do Império. Um título que hoje não é título, ele era brigadeiro. Não porque fosse das Forças Armadas, era um título do Império. Mas ele era brigadeiro dos índios, porque ele tinha feito trabalhos do que se chamaria, naquela época, de proteção aos índios. Ou seja, conquistava, mas civilizava.

E Goiás, Vila Boa de Goiás – eu sei que aqui tem orquestras de Goiás, recentemente estava ouvindo, em minha casa, umas músicas compostas no século XIX, em Vila Boa de Goiás, que eu ganhei. Vale a pena ouvi-las. Vale a pena ouvi-las porque, seja em Goiás, seja em Diamantina, seja em Ouro Preto, quem sabe em Parati, que talvez pudessem, também, se inserir nas cidades Patrimônio da Humanidade, em quaisquer dessas cidades, do século XVIII para diante, algumas no século XVIII, outras no século XIX, perdidas nesses recônditos do Brasil, produziu-se cultura. Foram capazes de expressar um sentimento de identidade. Cultura é isso: é expressão de uma identidade.

Um país que tem esse enraizamento, que tem Vila Boa de Goiás, que tem Diamantina, que tem Parati – para citar só três cidades; mas não é só cidade como casario, não são só aquelas pedras seculares; é um país que tem amor às cidades, que produziu um sentimento de cidade, que produziu cultura; um país como este entra no mar bravio da globalização cada vez mais convencido de si mesmo, de que tem força própria, de que tem identidade cultural, de que não tem o que temer, porque sabe que é grande. E nós somos grandes porque temos vocês.

Muito obrigado.